



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



Geologia da paisagem: o jovem Hartt e a paisagem brasileira (1868-1870)

Daniela Pinheiro Machado Kern

Professora do PPGAV/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: O presente trabalho propõe analisar desenhos de paisagens brasileiras que foram elaborados no começo da carreira pelo geólogo canadense, naturalizado americano, Charles Frederick Hartt (1840-1878), com a finalidade seja de ilustrar artigos como A naturalist in Brazil, publicado no The American Naturalist, seja de ilustrar seu alentado livro, Scientific results of a Journey in Brazil and Geology and Physical Geography of Brazil, de 1870.

Palavras-chave: Charles Frederick Hartt. Pintura e desenho de paisagem. Imagens científicas.

Abstract: This paper aims to analyze drawings of Brazilian landscapes that Charles Frederick Hartt (1840-1878), a Canadian geologist, naturalized American, created early in his career with the purpose of illustrate articles like A naturalist in Brazil, published in The American Naturalist, and his 1870's large book, Scientific results of a Journey in Brazil and Geology and Physical Geography of Brazil.

Keywords: Charles Frederick Hartt. Landscape drawing and painting. Scientific images.

J'ai besoin de connaître la géologie, comment Sainte-Victoire s'enracine...

Paul Cézanne, Lettre à Joachim Gasquet

John Casper Branner (1850-1922), professor de Geologia na University of Stanford, Califórnia, era um notório comprador compulsivo de livros. Sua gama de interesses era muito variada, indo da linguística às técnicas cerâmicas e às pesquisas genealógicas, mas em sua coleção de aproximadamente 5000 volumes, comprada pela universidade quando ele se aposentou, em 1915, destacam-se os livros relacionados às ciências da terra.¹ Entre os tantos volumes de sua coleção pessoal, hoje em sua maior parte digitalizados e disponibilizados online, um me chama a atenção: *Landscape geology: a plea for the study of geology by landscape painters*, de Hugh Miller Jr. Filho de Hugh Miller (1802-1856), um dos mais populares geólogos do século XIX, Miller Jr. que seguiu a carreira do pai, nesse texto publicado em 1891, uma conferência que pronunciara na Edinburg Geological Society, começa por perguntar qual a razão que faz com que os pintores de paisagem não se ocupem em estudar geologia, a fim de melhor representar seu tema, diversamente do que ocorre com os retratistas, que muitas vezes estudam anatomia.² A geologia,

¹ A história da coleção de Branner, hoje base da *The Branner Earth Sciences Library*, é brevemente apresentada em: <https://pangea.stanford.edu/branner-earth-sciences-library>. Acesso em: 02 set. 2012.

² Cf. MILLER JR., Hugh. *Landscape geology: a plea for the study of geology by landscape painters*. Edinburg and London: William Blackwood and Sons, 1891.

uma espécie de “anatomia da terra”, exige a observação da natureza, é claro, mas também uma boa dose de imaginação, argumento que deveria bastar para aqueles que a julgassem uma ciência excessivamente fria. Ainda assim, paisagens em que haja excesso de detalhes geológicos, que pudessem ser o equivalente daqueles retratos em que há um exagero de ornamentos, são inexistentes, justamente pela falta de conhecimento dos estudos de geologia por parte dos pintores de paisagem. Desde a publicação de *Modern Painters*, por Ruskin,³ continua o autor, ninguém mais se dedicou a tratar do que chama de geologia da paisagem, e nunca um geólogo profissional se ocupou em abordar o tema. Miller sonha encontrar aquele artista que decida dispendir algumas horas ouvindo um geólogo, pois apenas assim ele poderia aspirar passar da condição de “copista” para a de “intérprete” da natureza. Mesmo reconhecendo o pioneirismo de Ruskin ao associar a geologia ao estudo da paisagem em *Modern painters*, Miller Jr. critica-o por acusar a geologia de falta de interesse humano e por adotar um entendimento geológico excessivamente restrito, a “geologia turneriana”, uma espécie de geologia transcendental ou transfigurada que encobre uma projeção da paisagem dos Alpes na paisagem inglesa.

As referências aparentemente soltas feitas até aqui, a saber, a menção à biblioteca de Branner, às ideias sobre a geologia da paisagem de Miller Jr., e à épica teoria da paisagem moderna formulada por Ruskin, apresentam, na verdade, relações insuspeitadas, que muito dizem sobre o

³ A versão original e completa de *Modern Painters* pode ser encontrada em RUSKIN, John. *Modern Painters*. In: COOK, E. T.; WEDDERBURN, Alexander (Ed.). *The works of John Ruskin*, v. 2, 3, 4, 5. London: George Allen; New York: Longmans, Green, and Co., 1903-1912.

cenário intelectual e científico que marca o pensamento sobre a paisagem no século XIX. O pai de Miller Jr. conhecia muito bem Louis Agassiz, professor de Charles Frederick Hartt, e responsável por apresentar o jovem geólogo ao Brasil. Branner, por outro lado, foi discípulo de Hartt em Cornell e o acompanhou a expedições no Brasil na década de 1870.⁴ Quanto à Ruskin, sabemos que Hartt era um leitor devoto do crítico inglês, possuindo com ele, em comum, a habilidade de desenhar paisagens.

Hartt chega ao Brasil pela mão de Agassiz, acompanhando a Expedição Thayer (1866-1867), e na esteira das excitantes polêmicas internacionais sobre a antiguidade das formações geológicas da Terra e sobre seus caminhos evolutivos, polêmicas que atravessam o século XIX e que são reconstituídas, em parte, por Martin Rudwick.⁵ A ousada teoria de Agassiz sobre a “Era do Gelo” nos Alpes, esmiuçada por Rudwick em *Worlds before Adam*, é em parte o que levará o pesquisador suíço radicado nos Estados Unidos a procurar no Brasil vestígios da ação de geleiras na constituição do continente, com o intuito de alimentar, assim, sua teoria catastrofista, tão oposta ao evolucionismo darwiniano.⁶

Em 1867 Hartt retorna ao Brasil, dessa vez por conta própria. Nessa época ele ainda é o jovem naturalista que

⁴ Em língua portuguesa, as principais referências sobre a vida de Charles Frederick Hartt e sobre suas expedições ao Brasil são FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, e FREITAS, Marcus Vinicius de. *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001.

⁵ Cf. RUDWICK, Martin J. S. *Bursting the limits of time: the reconstruction of geohistory in the Age of Revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 2007, e RUDWICK, Martin J. S. *Worlds before Adam: the reconstruction of the geohistory in the Age of Reform*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

⁶ Cf. FREITAS, Marcus Vinicius de. *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001. p. 40.

se mantém dando aulas para moças no Vassar College, ou cursos na Cooper Union, em Nova York. Em dois artigos desse período podemos vislumbrar como Hartt desenha e narra a paisagem geológica que encontra em seu destino de férias, Abrolhos. No primeiro deles, *A Naturalist in Brazil*,⁷ de 1868, Hartt reproduz, logo abaixo do título, o desenho que fez de Santa Barbara dos Abrolhos. (Figura 1)

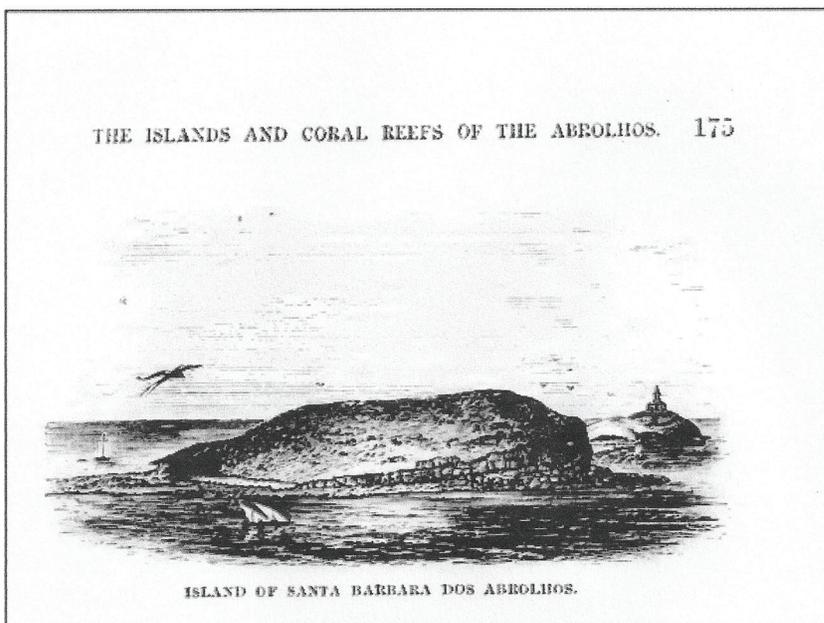


Figura 1 - Ilha de Santa Bárbara dos Abrolhos. Fonte: AGASSIZ, Louis; HARTT, Charles Frederick. *Scientific results of a journey in Brazil and Geology and physical geography of Brazil*. Boston: Fields, Osgood & Co.; London: Trübner & Co., 1870. p. 175.

As ilhas, situadas entre as cidades da Bahia e do Rio de Janeiro, como especifica Hartt, são elas mesmas constituídas por massas rochosas do período Cretáceo, sendo essa antiguidade geológica o que as

⁷ HARTT, Charles Frederick *A Naturalist in Brazil*. *The American Naturalist*, v. II, p. 1-13, 1868.

torna encantadoras aos olhos de Hartt. No desenho Hartt representa, esquematicamente, a ilha e seu entorno. Índices tradicionais em marinhas são esboçados, como o voo solitário de uma gaivota, ou o trajeto dos barcos perto da costa. No entanto, mesmo em um desenho de intenções tão modestas, e ainda traduzido para a gravura, a fim de servir como ilustração do artigo, percebe-se o grande cuidado na caracterização da superfície rochosa da ilha, que é o centro de atenção da composição. O cimo da ilha, ao fundo, com o farol, instalado em 1861 por ordem de D. Pedro II, também é apresentado. Essa primeira imagem será reproduzida ainda no quarto capítulo do livro que Hartt publicará em 1870, *Geology and physical geography of Brazil* (1870),⁸ e talvez seja produtiva a experiência de colocar a ilha de Abrolhos ali reproduzidas em uma série no mínimo improvável, isto é, ao lado das formações rochosas estilizadas por Araújo Porto Alegre em obras como *Grota* ou *Paisagem italiana* (c. 1835), e as rochas cuidadosamente observadas e facetadas na Praia da Boa Viagem (1884), de Hipólito Caron.⁹ Nas montanhas de Araújo Porto Alegre dificilmente encontraremos, para usar as palavras de Ruskin “a singular solidez que prevalece no desenho de montanha de Turner, conferindo-lhe um de seus principais elementos de grandeza”.¹⁰ O modo como retrata as rochas

⁸ AGASSIZ, Louis; HARTT, Charles Frederick. *Scientific results of a journey in Brazil and Geology and physical geography of Brazil*. Boston: Fields, Osgood & Co.; London: Trübner & Co., 1870.

⁹ Cf. Catálogo *Acervo Museu Nacional de Belas Artes*. São Paulo: Banco Santos, 2002, respectivamente p. 52, 53 e 57.

¹⁰ Cf. RUSKIN, John. Pintores Modernos: J. M. W. Turner. Força do sentimento nacional em todos os grandes pintores. In: BAUDELAIRE, Charles; RUSKIN, John. *Paisagem moderna: Baudelaire e Ruskin*. Introdução, tradução e notas: Daniela Kern. Porto Alegre, Sulina, 2010. p. 135.

não parece refletir um olhar preparado por conhecimentos geológicos prévios, pois o recurso a uma tipologia restrita de formas, ao invés da variedade imposta pela observação atenta, é bastante evidente. Fernando Guerreiro, em *O caminho da montanha*,¹¹ citando Philippe Joutard, afirma que a montanha teve de ser primeiro “inventada”, para então ser descoberta. Usando livremente essa bela imagem, poderíamos pensar que Porto Alegre pintou suas montanhas ainda em sintonia com o momento da invenção romântica do tema, que se inspira no cenário alpino e que se apresenta como uma das encarnações do conceito de sublime. Já as rochas de Caron corresponderiam à etapa da “montanha descoberta”, pois no momento em que elabora sua obra, apesar dos protestos de Miller Jr., o modo de ver a “geologia da paisagem” já se difundia através das tantas reproduções de imagens científicas que circulavam nos periódicos da época e se insinuava junto a muitos pintores de paisagem como um pressuposto subliminar, poucas vezes teorizado.

Charles Hartt, um geólogo que sabia desenhar, se mostra por sua vez como um dos tantos elos preciosos entre essas duas etapas. Se continuarmos a analisar as ilustrações de seu artigo sobre a viagem a Abrolhos, podemos acrescentar àquela singela imagem inicial da ilha de Santa Bárbara uma série de extensões, que possibilitam o entendimento teórico da estrutura das formações rochosas antes apenas sugeridas. É assim que na figura 2 temos um corte que mostra os diferentes estratos geológicos

¹¹ GUERREIRO, Fernando. *O caminho da montanha*. Braga, Portugal: Angelus Novus, 2000. p. 66.

presentes nas ilhas e no continente; um corte, na figura 3, em que as camadas do cimo da ilha, com o farol, são desnudadas.

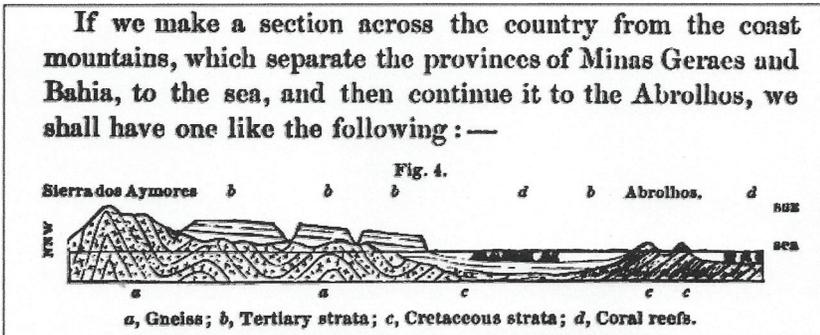


Figura 2 - Serra dos Aimorés e Abrolhos. Fonte: HARTT, Charles Frederick. *A Naturalist in Brazil. The American Naturalist*, v. II, p. 1-13, 1868. p. 5.

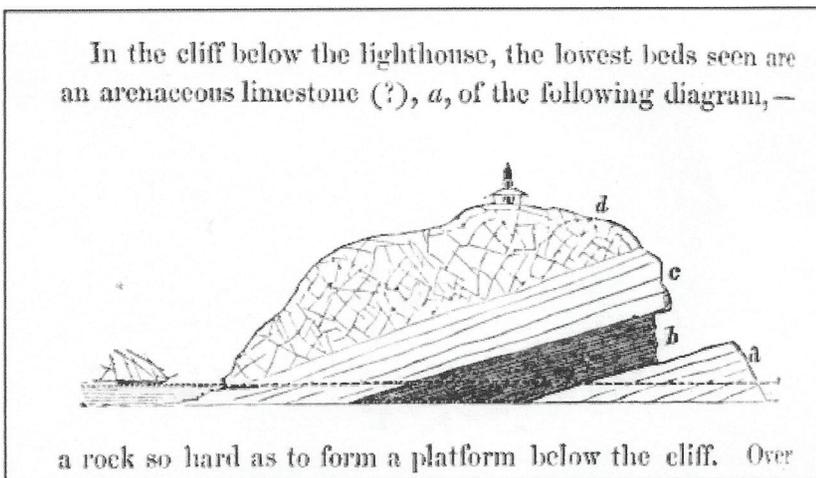


Figura 3 - Diagrama do cimo da ilha de Santa Bárbara dos Abrolhos, com o farol. Fonte: AGASSIZ, Louis; HARTT, Charles Frederick. *Scientific results of a journey in Brazil and Geology and physical geography of Brazil*. Boston: Fields, Osgood & Co.; London: Trübner & Co., 1870. p. 176.

As paisagens produzidas por Hartt, aqui apenas parcialmente apresentadas, elaboradas como ilustração científica, podem ser postas em diálogo com paisagens do universo da arte erudita, dentro de um entendimento mais amplo do significado e dos meios de interpretação da imagem, tal qual aquele proposto por James Elkins:

Por essas razões, é melhor dizer que as imagens científicas desempenham um papel junto às imagens informativas, mas não são necessariamente seus exemplares. Ao invés de confinar as imagens não arte às ciências, ou de opor “arte erudita” a “imagens científicas”, devemos compreender os elementos visuais na ciência como uma eflorescência de imagens informativas em geral.¹²

Hartt, antes geólogo do que artista, por objetivar nos desenhos comentados sobretudo a ilustração científica, como acabamos de ver, talvez não atendesse plenamente às aspirações de Miller Jr., comentadas logo no princípio desta comunicação. Cézanne, por outro lado, inspiração fundamental para os cubistas, atenderia plenamente tais expectativas, uma vez que era amigo de Antoine-Fortuné Marion (1846-1900), como Hartt um pintor amador e geólogo de profissão, diretor do Museu de História Natural de Marselha. Marion foi responsável por achados arqueológicos no sopé da Montanha Sainte-Victoire, celebrizada por Cézanne, que a entendia, devido às conversas com o amigo e também a seus próprios estudos e observações, também de um ponto de vista geológico.¹³ Correspondendo ou não aos mais elevados sonhos de

¹² ELKINS, James. História da Arte e imagens que não são arte. Trad. Daniela Kern. *Porto Arte*, v. 18, n. 30, p. 7-42, maio 2011. p. 10.

¹³ Cf. ATHANASSOGLU-KALLMYER, Nina Maria. *Cézanne and Provence: the painter in his culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

Miller Jr., a alta consciência da geologia da paisagem perceptível em Charles Hartt pode iluminar sem dúvida a compreensão da concepção moderna da paisagem, que está em desenvolvimento ao longo do século XIX, e suas repercussões no Brasil.

Referências bibliográficas:

AGASSIZ, Louis; HARTT, Charles Frederick. Scientific results of a journey in Brazil and Geology and physical geography of Brazil. Boston: Fields, Osgood & Co.; London: Trübner & Co., 1870.

ATHANASSOGLOU-KALLMYER, Nina Maria. Cézanne and Provence: the painter in his culture. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

Catálogo Acervo Museu Nacional de Belas Artes. São Paulo: Banco Santos, 2002,

ELKINS, James. História da Arte e imagens que não são arte. Trad. Daniela Kern. Porto Arte, v. 18, n, 30, p. 7-42, maio 2011.

FREITAS, Marcus Vinicius de. Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002,

FREITAS, Marcus Vinicius de. Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878. São Paulo: Metalivros, 2001.

HARTT, Charles Frederick. A Naturalist in Brazil. The American Naturalist, v. II, p. 1-13, 1868.

GUERREIRO, Fernando. O caminho da montanha. Braga, Portugal: Angelus Novus, 2000.

MILLER JR., Hugh. Landscape geology: a plea for the study of geology by landscape painters. Edinburg and London: William Blackwood and Sons, 1891.

RUDWICK, Martin J. S. Bursting the limits of time: the reconstruction of geohistory in the Age of Revolution. Chicago: University of Chicago Press, 2007,

RUDWICK, Martin J. S. Worlds before Adam: the reconstruction of the geohistory in the Age of Reform. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

RUSKIN, John. Modern Painters. In: COOK, E. T.; WEDDERBURN, Alexander (Ed.). The works of John Ruskin, v. 2, 3, 4, 5. London: George Allen; New York: Longmans, Green, and Co., 1903-1912.

RUSKIN, John. Pintores Modernos: J. M. W. Turner. Força do sentimento nacional em todos os grandes pintores. In: BAUDELAIRE, Charles; RUSKIN, John. Paisagem moderna: Baudelaire e Ruskin. Introdução, tradução e notas: Daniela Kern. Porto Alegre, Sulina, 2010. p. 131-151.

The Branner Earth Sciences Library, Disponível em: <https://pangea.stanford.edu/branner-earth-sciences-library>. Acesso em: 02 set. 2012.